



SOBRE A ORIGEM DAS LÍNGUAS: BREVES CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM ROUSSEAU

ON THE ORIGIN OF LANGUAGES: BRIEF CONSIDERATIONS AROUND THE DEVELOPMENT OF LANGUAGE IN ROUSSEAU

Roseli Rodrigues de Araújo Santos¹

Resumo

Pretendemos neste trabalho fazer uma análise acerca da origem e do desenvolvimento da linguagem no pensamento de Rousseau. Tomaremos como base o *Ensaio sobre a origem das línguas*, obra publicada postumamente em 1781, onde Rousseau afirma que o homem mesmo não conhecendo a palavra já era capaz de comunicar com os outros homens de um modo mais autêntico. Isso porque para satisfazer suas necessidades físicas, o homem não precisava de palavras, somente gestos e gritos eram suficientes. Logo a primeira forma de comunicação estava inteiramente associada aos sentimentos. Segundo o autor, o desenvolvimento da linguagem articulada, da fala, das palavras estava naturalmente ligado muito mais as necessidades cotidianas e, por isso, desvinculada da linguagem dos sentimentos. Como crítico da sociedade moderna, Rousseau defende que o processo de desenvolvimento da linguagem é também um processo de racionalização da língua e, portanto, promove uma separação entre o sentimento humano e aquilo que ele expressa.

Palavras-chave: Rousseau; Linguagem; Sentimento; Razão.

Abstract

In this work we want to do an analysis on the origin and development of language in the thought of Rousseau. We shall take *Essay on the origin of languages* (1781), when Rousseau claims that man himself not knowing the word was already able to communicate with the others in a way more authentic. Because to meet their physical needs, the man didn't need words, only gestures and screams were enough. So the first form of communication was

¹ Graduada, Especialista e Mestranda em Filosofia pela UNIMONTES. Professora das Faculdades PROMINAS e da E.E. Prof. Plínio Ribeiro. **Autor para correspondência.** E-mail <rosaraujos@hotmail.com>.

entirely associated to feelings. According to the author, the development of speech, language, of the words was naturally connected more everyday needs and therefore unrelated to the language of feelings. As a critic of modern society, Rousseau argues that the process of language development is also a process of rationalization of language, and, therefore, promotes a separation between the human feeling and what he expresses.

Keywords: Rousseau; Language; Feeling; Reason.

O filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau considerado um dos maiores pensadores do século XVIII, contribuiu de modo significativo para o desenvolvimento do pensamento político tornando-se, dessa forma, objeto de diversas interpretações neste campo. No entanto, parte de sua produção filosófica relativa à linguagem e suas implicações para o desenvolvimento da sociedade humana, não recebeu a mesma atenção de seus estudiosos. É importante salientar que antes mesmo de publicar suas principais obras, Rousseau já havia se dedicado à redação do *Ensaio sobre a origem das línguas*.² Esta obra, que faz um estudo da gênese e desenvolvimento da linguagem, só foi publicada postumamente em 1781.

No *Ensaio*, ele afirma que o homem sequer conhecia a palavra e, mesmo assim, já era capaz de interagir de modo muito mais autêntico através de uma linguagem gestual e inarticulada e que possuía naturalmente muito mais força de expressão do que qualquer palavra pronunciada. Nesta mesma obra o homem é descrito como um ser cuja linguagem gestual que surge da necessidade física se junta ao grito da natureza e à onomatopeia, que é a repetição de sons da própria natureza. Essa era uma linguagem universal capaz de expressar de forma autêntica as sensações de dor, alegria, tristeza e etc.

A tese acima também já havia sido evidenciada no *Segundo Discurso* ou *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, texto de 1755, quando o filósofo fala do hipotético estado de natureza onde o homem privado das luzes do conhecimento e ainda sem uma linguagem articulada, utiliza apenas suas habilidades de acordo com suas necessidades físicas. Mesmo enfatizando que o homem primitivo sabe viver de acordo com suas necessidades inatas e afirmando ainda que ele seja auto-suficiente,

² Para essa obra, citaremos apenas *Ensaio*. Há um debate em torno do período em que Rousseau teria escrito a obra. Conforme Bastide; “Este ensaio, (...) inclui-se, presumivelmente, entre as obras de seu período inicial de produção. Indicam-no o estilo, a própria organização da matéria e, sobretudo, os assuntos de que trata. Os especialistas não conseguem indicar uma data provável de redação que seja unanimemente aceita. ” (ARBOUSSE-BASTIDE, 2005, p. 247)

Rousseau não pretende exaltar o aspecto da animalidade tão presente nessas circunstâncias e muito menos dizer que o homem é um ser irracional, mas ao contrário, pretende demonstrar sua profunda humanidade em relação ao homem civilizado. Certamente, o elemento que mais chama a atenção do filósofo é exatamente a questão dos sentimentos. Sendo assim, podemos compreender que a sensibilidade é o princípio de toda a ação desenvolvida pelo homem natural.³ O próprio existir é sentir e o sentimento é anterior a qualquer inteligência e até mesmo às próprias ideias. Por isso ele chama a atenção para o fato de que “a primeira linguagem do homem, a mais universal, a mais enérgica e a única da qual necessitou antes de precisar persuadir homens reunidos, foi o grito da natureza.” (ROUSSEAU, 1998, p.7) Através do grito da natureza, emitido apenas pelo instinto, o homem poderia expressar um pedido de socorro, uma sensação de alívio e assim comunicar aos outros algo que somente ele sentia.

Percebemos que a metáfora utilizada por Rousseau, o *grito da natureza*, revela não somente a causa primeira de interação entre os homens, como também demonstra, segundo Beyssade, “uma antropologia que apresenta as motivações da ação humana”, visto que, ao investigar a natureza do homem ele se preocupa em “privilegiar o coração e os movimentos da sensibilidade.” (BEYSSADE, 2003, p. 517). Rousseau fundamenta nas paixões sua teoria sobre a origem da linguagem falada. Pois, conforme ele próprio atesta, “se conhecêssemos tão só as necessidades físicas, bem poderíamos jamais termos falado, e entender-nos-íamos apenas pela linguagem dos gestos.” (ROUSSEAU, 2005, p. 266) A partir dessa afirmação, podemos depreender que não seria necessário o uso da palavra para poder colher os frutos com os quais pudessem se alimentar, beber água para saciar a sede, ou mesmo encontrar um local no qual pudesse se abrigar, uma vez que não foram a sede e a fome ou a procura por um abrigo que arrancaram as primeiras vozes do homem, mas o amor, o ódio e a piedade, ou seja, os sentimentos. É perfeitamente possível nutrir-se com os frutos sem precisar falar uma única palavra. No entanto, “para emocionar um jovem coração, para repelir um agressor injusto, a natureza impõe sinais, gritos e queixumes”. (*Ibidem*, p. 266). Conforme o autor:

o que os antigos diziam com maior rigor não exprimiam com palavras, mas com sinais. Não diziam, mostravam-no. (...) O objeto oferecido antes da palavra acorda a

³ Segundo Ulhôa, apesar de cultivar um radical pessimismo em relação à sociedade moderna, Rousseau parece apresentar um otimismo em relação à natureza humana. (ULHÔA, 1996, p. 61) Podemos notar a preocupação do próprio Rousseau acerca da alma humana. “O que é ainda maior e mais difícil, penetrar em si mesmo para estudar o homem e conhecer sua natureza”. (ROUSSEAU, 1995, p.342)



imaginação, excita a curiosidade, mantém o espírito em suspense e na expectativa do que se vai dizer. (...). Assim se fala melhor aos olhos do que aos ouvidos. (...). Compreende-se que os discursos mais eloquentes são aqueles que introduzem o maior número de imagens e os sons não produzem maior energia do que quando fazem o efeito das cores. (*Ibidem*, p. 260,261)

Para Rousseau, assim como as necessidades são responsáveis pelos primeiros gestos humanos, as paixões impõem as primeiras palavras. O filósofo acredita que a causa principal para a origem das línguas seja exatamente os sentimentos e paixões. Confirmando sua teoria de que as paixões foram os primeiros motivos que fizeram o homem falar, Rousseau procura deixar claro que a expressão das primeiras palavras não estava de modo algum dissociada dos sentimentos e, por isso, afirma também, que a poesia também nasce junto com a primeira linguagem, motivo pelo qual ele afirma que “as primeiras línguas foram cantantes e apaixonadas antes de serem simples e metódicas” (ROUSSEAU, 2005, p.266) Os sentimentos forçaram a emissão de sons acentuados e

com as primeiras vozes formaram-se as primeiras articulações ou primeiros sons, segundo o gênero das paixões que ditavam estes ou aquelas (...) a paixão faz falarem todos os órgãos e dá à voz todo seu brilho; desse modo, os versos, os cantos, e a palavra têm origem comum. (...) os primeiros discursos constituíram as primeiras canções; as repetições periódicas e medidas dos acentos deram nascimento, com a língua, à poesia e à música. (*Ibidem*, p.266)

Tudo isso, seria a linguagem daqueles que viviam em tempos, onde as necessidades eram apenas provenientes do coração e não da razão. Essa melodia, como sinal vocal das paixões, ao externar gritos de dor ou alegria, ameaças e gemidos, era capaz de revelar o homem tal qual ele era. Bento Prado Júnior compartilha dessa ideia, afirmando que a música se acha no coração do *Ensaio*. Uma vez que, “no nível da origem, na identidade entre fala e canto, no nascimento da linguagem explicado pelas paixões, e não pelas necessidades, é a descontinuidade entre a linguagem dos gestos e a fala que é dada.” (PRADO JÚNIOR, 2008, p. 152)

A linguagem poética, fruto das paixões e sentimentos dos homens, não resistiu ao processo de desenvolvimento das primeiras comunidades humanas. Segundo Rousseau, na medida em que as necessidades humanas foram crescendo a linguagem foi mudando radicalmente de caráter. Foi se ajustando no modo e na forma e no tom, perdendo a característica e o acento da paixão. Os sentimentos foram sendo substituídos pelas ideias e razão começa a governar a fala com a crescente progressão de regras para a linguagem.

Segundo Rousseau, é nesse momento que “a língua fica mais exata, mais clara, porém, mais morosa, mais surda e mais fria”. (ROUSSEAU, 2005, p. 273)

A formação da linguagem articulada atende não somente a uma função fisiológica de emitir sons, mas estaria voltada para as necessidades sociais e morais. Por isso, ele afirma no *Ensaio* que a linguagem se constitui como a primeira instituição social com a qual o homem expõe seus desejos, seus sentimentos e suas ideias aos outros. Os gestos, enquanto meios de comunicação no *estado natural*, também teriam igual importância, porém, diante do progresso, a razão vai dar preferência à linguagem articulada. E, embora os sentimentos possam ter inventado a palavra, esses possuem maneiras bem específicas para se exprimir, pois, as paixões possuem seus próprios gestos. Segundo, ele “a invenção da arte de comunicar nossas ideias depende menos dos órgãos que nos servem para tal comunicação do que de uma faculdade própria do homem”. (ROUSSEAU, 2005, p. 263)

O filósofo parece não conceber uma explicação baseada na constituição fisiológica para a linguagem humana. Se assim fosse os animais também poderiam desenvolver uma linguagem articulada, no entanto, essa linguagem de convenção social somente pertence ao homem. Portanto, o homem não falou somente porque tem uma organização fisiológica adequada a essa arte, inclusive seus órgãos são tão grosseiros como os órgãos de outros animais, mas porque foi capaz de estabelecer uma linguagem convencional, um acordo entre iguais, e assim comunicar suas ideias e interagir com seus semelhantes.

Para Prado Junior, Rousseau contesta a função da linguagem como simples representação e comunicação. Pois assim, a comunicação seria por motivos racionais, ou seja, da ordem apenas das coisas estritamente necessárias, não da paixão. A força da linguagem que põe a alma em movimento seria muito mais uma função de mediação entre as palavras e as coisas. No entanto, a linguagem forte recusa a representação e busca a interpretação. Por isso mesmo ele afirma que “em Rousseau, a interpretação e a eloquência, a força da linguagem, são dois termos que fazem eco em profundidade e atravessam a superfície monótona e horizontal da escrita e da gramática. Em duas palavras: sentido e força.” (PRADO JÚNIOR, 2008, p. 152)

De acordo com Rousseau observando o desenvolvimento da linguagem, é possível verificar que quanto mais se procurou aperfeiçoar a gramática e a lógica, mais se acelerou o enfraquecimento da língua. E constatou que para tornar “uma língua fria e monótona, basta estabelecer academias no seio do povo que fala”. (ROUSSEAU, 2005, p. 283). Neste sentido,

não é a razão que explica a força da linguagem, visto que essa é uma aquisição tardia da humanidade, mas os sentimentos e as paixões que sempre transmitem mais energia e são mais vivas. Ao abordar o processo de evolução, no campo da linguagem, Rousseau ainda destaca algo interessante. Para ele, fica evidente que as nações mais instruídas possuem menos dialetos e gírias, algo que permanece apenas entre aqueles que leem pouco e nunca escrevem. Com as línguas escritas, as mudanças são mais frequentes, sempre perdem força e brilho, ganhando clareza e distinção. Uma língua que geralmente é mais falada se torna mais clara pela sua pronúncia e aquela que é mais escrita é mais metódica, sua clareza está mais presente na ortografia. O exemplo dado por Rousseau para ilustrar sua tese é o poema de Homero, a *Iliada*. Talvez, toda a sua beleza e permanência no imaginário das pessoas se devem ao fato ter sido expresso, por longos tempos, apenas de forma cantada.

Por outro lado, a capacidade humana de esconder-se atrás das palavras aumenta na mesma proporção do exercício da fala e da escrita. Quanto mais o homem desenvolve a habilidade de articulação da fala, mais ele se torna capaz de esconder e dissimular os seus sentimentos. A verdade dos discursos pode muito bem-estar encoberta, dependendo da intencionalidade de quem os profere. Por isso, em sua polêmica obra *Emílio*, o filósofo alerta que “para conhecer o homem é preciso vê-los agindo. Na sociedade ouvimo-los falando; mostra seus discursos, escondem suas ações; mas na história estão sem os véus e os julgamos pelos fatos”. (ROUSSEAU, 1998, p. 268) Como essa linguagem bem articulada, por vezes, oculta as verdadeiras intenções, podemos concordar com o próprio Rousseau quando ele afirma que os homens na sociedade podem se tornar “dissimulados, falsos, mentirosos, a fim de extorquirem recompensas ou fugirem dos castigos (...) com palavras vãs”. (*Ibidem*, p. 76)

Podemos então inferir que a questão da linguagem apresentada por Rousseau, em especial no *Ensaio*, constitui um ponto fundamental para a compreensão de seu pensamento a respeito do homem e suas relações sociais. Pois, o estabelecimento da propriedade privada determina obviamente, para Rousseau, o fim do estado de natureza e início de uma série de males decorrentes da vida social. Segundo Espíndola, “sua consumação ocorre, entretanto, com o desenvolvimento da agricultura e da metalurgia, com a formação das línguas e a ativação plena de todas as faculdades mentais do ser humano.” (ESPÍNDOLA, 2005, p. 287)

Finalmente, para Rousseau, todo o processo de evolução do homem, incluindo também o da linguagem, tira sua autenticidade e vigor, na medida em que a expressão dos verdadeiros sentimentos dá lugar a um crescente artificialismo nas relações entre os homens.

Para ele, a virtude desaparece diante da luz do saber e dos vícios que adquirimos em sociedade. Entende-se, portanto, que não é a intenção desse autor propor um retorno ao *estado de natureza*, apesar de demonstrar profunda nostalgia em reação a ele, mas, fica bastante evidente que o seu grande propósito seria exaltar a dignidade da natureza humana, e combater incessantemente os abusos provenientes de um processo de civilização centralizado única e exclusivamente num modelo racional.

REFERÊNCIAS

BEYSSADE, Jean-Marie. Rousseau. In: CANTO-SPERBER (ORG.) **Dicionário de ética e filosofia moral**. São Leopoldo/RS: Ed. Unissinos, 2003.

ESPINDOLA, Arlei. *Rousseau e Sêneca: natureza humana e crítica da sociedade*. In: **Verdades e mentiras: 30 ensaios em torno de Jean-Jacques Rousseau**. Ijuí / RS: Ed. Unijuí, 2005.

PRADO JUNIOR, Bento. **A Retórica de Rousseau e outros ensaios**. Org. Franklin de Mattos. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. Trad. Roberto L. Ferreria. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **Ensaio sobre a origem das línguas**. Trad. Lourdes S. Machado. São Paulo: Nova Cultural, 2005. (Os pensadores)

_____. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Trad. L. A. Barbosa Correia. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1998.

Artigo recebido em: 15 de agosto de 2017.

Artigo aceito em: 13 de setembro de 2017.